

ESTOU FORMADO! E AGORA?

Pós: menos aulas e mais pesquisas

É o que ocorre, principalmente, nos cursos de mestrado e doutorado acadêmicos, cuja ideia é trazer inovações que impactem na vida das pessoas



CINTHIA MILANEZ

Melhorar a ergonomia das cadeiras de rodas é apenas um dos diversos projetos do Programa de Pós-Graduação em Design da Unesp, em Bauru. Com menos aula e mais pesquisa, os cursos de mestrado e doutorado acadêmicos pretendem trazer inovações como esta, que impactam na vida das pessoas.

Essa é a tendência da pós geral, conforme avalia o diretor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Unesp de Bauru, Marcelo Carbone. Segundo ele, a inovação está na diminuição do número de aulas e em trazer impacto social, através da pesquisa de caráter criativo.

“O grande tema do momento é a inovação do ensino. Porém, inovar não é investir em Ensino a Distância (EaD), que também é uma ferramenta importante. Inovar é desenvolver pesquisas que colaborem diretamente para melhorar a vida das pessoas”, reitera.

Presidente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Odontológicas Aplicadas da FOB/USP, Guilherme Janson diz que a tendência é de que as aulas formais sejam reduzidas nos cursos de mestrado e doutorado acadêmicos. “O aluno fica encarregado de apresentar

seminários e desenvolver sua pesquisa fora da sala de aula”.

Além disso, outra tendência é internacionalizar a pesquisa, ou seja, recomenda-se que os artigos, dissertações e teses sejam escritos também em inglês, para que o mundo tenha acesso aos trabalhos acadêmicos desenvolvidos aqui. Diante disso, cursar o idioma é exigência para se tornar pesquisador (**leia mais abaixo**).

Pró-reitora de pesquisa e pós-graduação da Universidade do Sagrado Coração (USC), Sandra de Oliveira Saes confirma a tendência de oferecer um menor número de créditos durante os cursos de mestrado e doutorado acadêmicos. “Cabe à universidade, agora, proporcionar ambientes para que o aluno possa desenvolver a sua pesquisa, com resultados mais rápidos e que tragam retorno para a sociedade”, pontua.

Sandra defende, ainda, que a pesquisa brasileira é financiada pelos órgãos públicos federais, através dos impostos, e nada mais justo que dê retorno à comunidade que a sustenta.

MERCADO DE TRABALHO

Diretor da Faac, Marcelo Carbone Carneiro explica que os cursos de mestrado e doutorado acadêmicos são, essencialmente, voltados à pesquisa. Já as especializa-

MUDANÇAS NA PÓS-GRADUAÇÃO

Inovação está na diminuição de aulas e em trazer o impacto social, através da pesquisa de caráter criativo

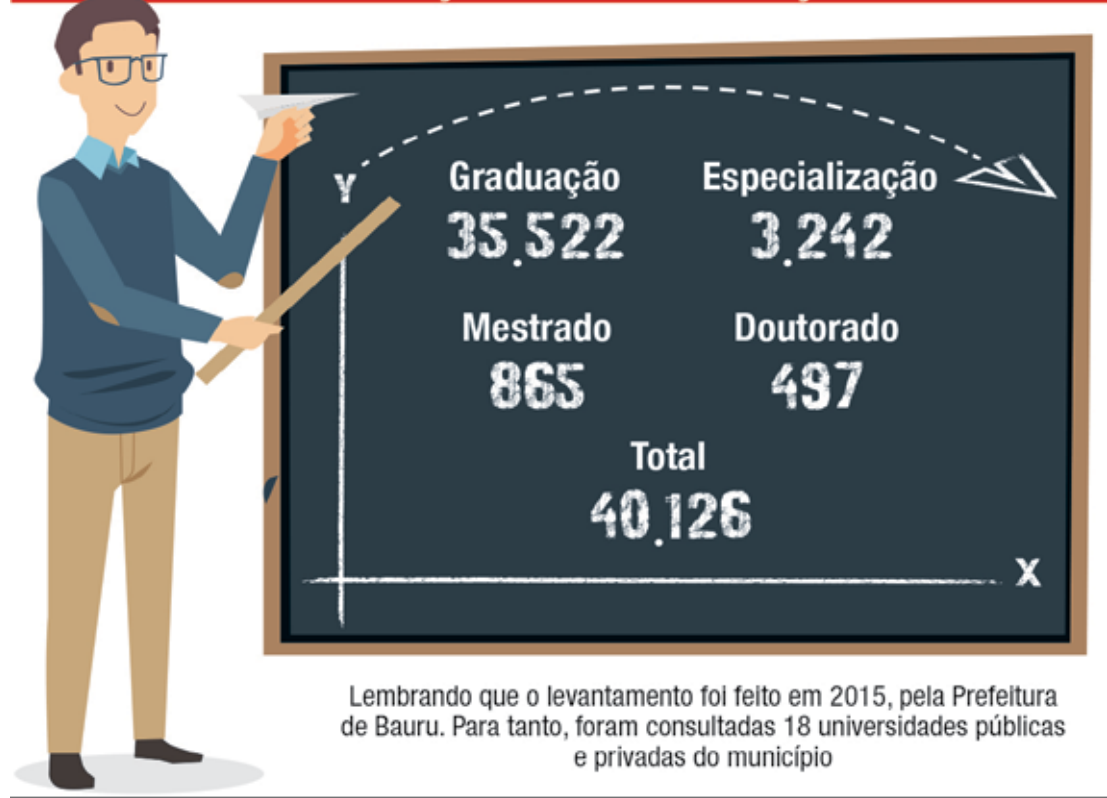
ções e os mestrados profissionais são direcionados ao mercado de trabalho.

Já a pró-reitora da USC, Sandra de Oliveira Saes, percebe uma mudança: o mercado de trabalho passou a exigir profissionais altamente qualificados e os cursos de mestrado e doutorado acadêmicos aparecem como um diferencial. “Algumas empresas estão em busca de profissionais qualificados para desenvolver pesquisas internas”, justifica.

Exemplo disso é a parceria entre a Escola Politécnica da USP e a Embraer. “Antes, esses profissionais faziam mestrado e doutorado para se dedicar à docência. Hoje, atendem a demanda das grandes empresas”, completa Sandra.

E Bauru tem condições de formar profissionais para o mercado ou a academia, já que possui 35.522 estudantes de graduação, 3.242 alunos de especialização, 865 mestrados e 497 doutorandos, segundo o levantamento do Departamento de Relações do Trabalho, Emprego e Turismo, vinculado à prefeitura (**veja quadro acima**). A pesquisa foi desenvolvida junto a 18 universidades da cidade, em 2015.

ALUNOS DE GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO EM BAURU



Sandra de Oliveira Saes, da USC: “Cabe à universidade proporcionar ambientes para que o aluno possa desenvolver sua pesquisa”



Diretor da Faac, Marcelo Carbone: “Inovar é desenvolver pesquisas que colaborem para melhorar a vida das pessoas”

Guilherme Janson, da FOB/USP, diz que as aulas formais devem diminuir cada vez mais nos cursos de mestrado e doutorado acadêmicos



Continuo estudando?

● Dar ou não sequência aos estudos após a formatura da graduação é uma dúvida bastante comum entre os universitários. Para o gestor da Instituição Toledo de Ensino (ITE), Flávio de Toledo, um curso terminado não significa que o estudo pode parar. “O estudo deve permanecer, deve evoluir. Não

seguir, hoje, uma pós-graduação é como guardar uma planta dentro do armário. O conhecimento é algo que plantamos, fazemos nascer, começa a crescer e deve ser contínuo, permanente. Parar de estudar é bloquear um processo de evolução: o conhecimento morre, definha em pouco tempo”, opina.

Inglês se tornou requisito básico

Tanto para conseguir uma boa colocação no mercado de trabalho quanto para se tornar um pesquisador acadêmico, o inglês é requisito básico. O ideal é que o idioma comece a ser estudado ainda na infância, como observa a coordenadora pedagógica da Wizard, em Bauru, Bruna Cantanti Lara.

Segundo ela, as crianças conseguem absorver o conhecimento mais facilmente. Porém, nunca é tarde para aprender. É possível, sim, ser fluente em inglês com qualquer idade. “Inclusive, cada unidade da Wizard tem um

perfil diferente e, por isso, não tem como determinar uma média de idade”, frisa.

Já a diretora pedagógica da Focus Idiomas Bauru, Alecssandra Otsuka, defende que saber falar outra língua deixou de ser apenas “artigo de luxo” e virou necessidade. “O inglês, por exemplo, está presente em boa parte do nosso dia - em rótulos de produtos e marcas que usamos; músicas, filmes ou seriados que gostamos; e aplicativos que baixamos em nosso celular. Isso sem falar no mercado de trabalho, que exige mais capacitação de

seus profissionais a cada dia que passa”, argumenta.

Ainda de acordo com Alecssandra, se o adulto estiver começando do “zero” e não tiver nenhum conhecimento prévio, estima-se que vá demorar de 400 a 500 horas até conseguir estabelecer conversas e entender muito bem o que está ouvindo.

E para facilitar a vida dos estudantes, a tecnologia é usada e abusada. “Nós temos a Wizpen, por exemplo, que é uma caneta que fala. Ela auxilia o aluno a trabalhar sua pronúncia e audição”, explica Bruna Cantanti Lara.

Pós e mercado

● Atualmente, o mercado de trabalho está extremamente seletivo e a pós-graduação se coloca como um diferencial. “Em retomada, o mercado em breve terá grandes oportunidades. Todos entendem que pessoas temos, mas profissionais preparados não. A pós-graduação entra exatamente neste ponto, refinando e requintando os conhecimentos e atuação dos profissionais”, destaca Claudio Augusto Garbi, coordenador de Pós-Graduação da Faculdade de Agudos (Faag). Mesma visão de Marcia Regina Vazooler, mantenedora da faculdade. “Antes, tínhamos cursos de pós-graduação tradicionais, como os MBAs em gestão empresarial, finanças e marketing. Hoje, as empresas buscam profissionais com formação específica e surgem cursos de pós como engenharia clínica, geoprocessamento, design de som, entre outros”, ressalta. Ainda segunda ela, nos últimos 10 anos,



Claudio Garbi, da Faag, acredita que pós é diferencial no mercado

muita coisa mudou, tanto em relação ao perfil dos alunos de especialização quanto ao perfil dos alunos de mestrado e doutorado. “Com a internacionalização da educação, os programas de mestrado e doutorado ficaram mais acessíveis para os profissionais que já possuem uma especialização. Mestrado e o doutorado são só mais um passo para a carreira acadêmica. Nas ava-

liações do Ministério da Educação, as notas são atribuídas às instituições de ensino em razão da formação acadêmica de seus coordenadores e professores”, complementa Vazooler. Já Garbi acredita na mudança do próprio mercado influenciando a pós-graduação. “O que mudou é que o mercado está buscando pessoas com conhecimento específico e embutido, uma vez que os desafios são muito grandes e a competitividade cada vez maior”, conclui.

De olho nos concursos

● Há quem opte por prestar concursos públicos ao terminar o Ensino Médio ou a universidade. Sócio-proprietário e fundador da Ferraz Concursos, o professor Ferraz alega que a maioria daqueles que procuram pela escola concluiu o Ensino Médio e já trabalha, mas sonha com salários maiores, sem cursar a faculdade. “E o aluno que trabalha durante o dia e estuda à noite é o que consegue passar, porque se esforça e sabe o que quer”, observa.



Segundo Ferraz, a maioria daqueles que fazem o curso preparatório só têm o Ensino Médio



Alecssandra Otsuka, da Focus, defende que saber falar outra língua deixou de ser “luxo”



Bruna Lara, da Wizard, diz que outros idiomas devem ser ensinados já na infância



A Wizpen é uma caneta que fala, auxiliando os alunos na pronúncia e na audição